

Viagem de Santo António

→ **Classificação:** Conto

→ **Assunto:** No tempo das ceifas, em Manhouce, dois lavradores vão juntos colher o centeio confiando que um Santo António de barro lhes há-de guardar o gado. Depois do Santo partido... têm que encontrar substituto para a procissão de 13 de Junho! Com manha duns e sacrifício doutros, há sempre solução.

→ **Região:**

- **Distrito:** Viseu
- **Concelho:** São Pedro do Sul
- **Localidade:** Manhouce

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Mestre Silva
- **Data de nascimento:** 1922
- **Residência:** Manhouce

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Apresentação pública – Estória estória (Associação Criar raízes)
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:08:17

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Novembro 2011
- **Palavras:** 1.055

Viagem de Santo António

Um... As ceifas, em Manhouce... Antigamente, Manhouce vivia... Primeiro, viveu da pastorícia. Depois viveu da agricultura antiga, que era tudo à mão. Semeavam o centeio mais até ainda do que milho! Porque dava menos trabalho. O centeio semeia-se em Novembro (Outubro e Novembro) para colher em Julho – para colher em Junho, aliás! Em Julho é para malhar mas, para colher, em Junho. E era preciso... Eles faziam... Faziam serviço comunitário, isto é: Hoje é a tua ceifa? Vai toda a gente da aldeia à ceifa! Porque assim, dividido por todos, era mais fácil. Depois é uma ceifa daquele? Vai a aldeia toda para aquele! Foi assim até que estava as ceifas quase a acabar. Mas ficou a maior ceifa para o fim. Ficou... Diz ele:

- Agora é que está mau... porque é preciso mais gentes, mais braços a trabalhar a terra, mais... Agora é que está mau... Como é que há-de ser?

Eram sempre duas pessoas que iam guardar os rebanhos. Duas pessoas. Disse:

- Olha, os pastores vêm ajudar a ceifa.

- E quem é que carga o gado?

Diz ele assim:

- Pois, não sei... Quem há-de ser?...

Vai um assim mais esperto:

- Vocês, aquando falta uma cabeça de gado, não vão rezar o responso ao Santo António e não lhe... rezam-lhe? Rezam-lhe para aparecer a cabeça de gado? É mandar o Santo António acolá!

E diz ele assim:

- E olha que tu tens razão... Mas como é que... como é que se há-de fazer? Ele não caminha!

- É prendê-lo a uma cabra, ou a um bode grande e mandá-lo para o monte, que ele guarda o gado.

Pronto. Assim foi. Combinaram todos... e vêm duas pessoas para a ceifa. (Elas também queriam ficar porque era uma ceifa que acabava mais depressa, mais cedo, e eles botavam a cabra ao forno e tudo. E depois, no fim, havia festa. Era logo. Era logo...) Então arranjaram o bode maior. Era o bode maior. Levaram uma cordinha fina mas comprida. E, dum lado, – começaram dum lado – botaram-lhe o Santo António às costas do bode, uns a prender e os outros a amarrar o Santo às costas do bode. Amarraram aquilo bem amarradinho e... e botaram o gado fora e botaram o bode!

- Vai! Guarda o gado! Hoje é por tua conta!

Pronto. E lá foi! E o bode lá foi para o monte. Pronto. O... Chegaram ao... Chegou-se ao monte... O bode era... sentia aquilo às costas, ia pesado... não estava bem... Começou aos pulos, a cabriolar por cima das fragas... Quebrou o Santo todo! O Santo ficou todo quebrado, não se aproveitou nada do Santo! Alguns ainda foram procurar, encontraram um naquinho dum pé, um naquinho da cabeça... mas não tinha mais nada! Quebrou o Santo todo. Pronto. Vieram embora, diz:

- Não se diz nada. A gente vai para a festa agora, não se diz nada.

O gado veio à noite e eles contaram. Eles são as pessoas à porta do curral e as cabras já conhecem o seu curral: entram e eles contam.

- Está tudo bem, está tudo certo: o gado veio todo.

Só detrás é que vinha o bode com a corda de arrastos – é que vinha o bode com a corda de arrastos! Mas Santo? Que é dele! Não vinha, não veio... Pronto.

Tudo passou. Foram para a festa, cantaram, brincaram... como quiseram. Pronto. Chegou-se ao dia 13. Tinham acabado as ceifas. O Santo António, o dia de Santo António, é dia 13. Chegou-se o dia 13. Dia 13 é dia de festa. O padre disse:

- Dia 13 é uma festa de Santo António! -avisou na igreja.

Pronto. Diz ele assim... Há uma comissão que faz o peditório e que organiza a festa... É uma comissão, diz que são... é os mordomos. Os mordomos é os que faz o peditório e organizam a festa. Mas faltava o Santo! E eles não sabiam como é que haviam de arranjar.

- Como é que se há-de arranjar?...

Vai um lá muito esperto:

- Olha... O marrequinha da Tia Júlia é pequenino e é gordinho, é coradinho, a quase como o Santo! Quase como o Santo! E se a gente lá fosse?

Foram lá dizer à senhora.

- O marrequinha da Tia Júlia... E olha que és capaz de dizer bem...

Foram lá dizer-lhe. Ele aceitou. Aceitou! Foram escondidos para a sacristia pôr o santo no andor. Puseram-no no andor. Ele, assentado, ia bem! Estava bem! E, de longe, era bonito, até parecia o Santo! Tinha o cabelo cortado à tigela... E depois... Foram pôr o santo no andor. Mas as pernas não cabiam; ficaram as pernas de fora. Ficaram as pernas de fora, ficaram presas. Vai um assim:

- Vai, vai buscar um lençol!

Amarraram-lhe um lençol e ficou as pernas ao menos amarradas, cobertas com o lençol. Foram para a festa! Saiu a procissão e o marrequinho lá ia, todo coradinho! E o padre a rezar lá na procissão, e as raparigas a cantar... Pronto – fizeram a procissão!

Mas... Havia o cemitério. Eles deram a volta ao cruzeiro e depois havia o cemitério e o cemitério é quadrado: fazia uma esquina para o morro. E o morro encheu

de silvas, que era um silvado enorme! Assim. Uma pessoa ainda passava: livrava da senda as silvas, ainda passava. Mas o andor, que era quatro? Tinha que passar a jeito? Eles viraram dum lado, viraram do outro, não passava... não passava... E a procissão toda parada à espera, o padre e tudo. E a procissão não passava... eles... romperam pelas silvas fora! Romperam – *vumba!* As silvas, meu amigo, rasgaram o lençol, rasgaram as pernas! Já era sangue a sair e ele estava a queixar, para se querer queixar, vai um assim:

- Shhhh...

E ele aguentou. Aguentou. Não o deixou gritar, porque senão ele gritava mesmo! Depois lá conseguiram então ir até à igreja. Chegaram à igreja, foram fazer uma água com malvas. Foram para a sacristia fazer uma água com malvas para lhe lavar as pernas bem lavadinhas, e para curar. E desamarraram-no depois e ele, o santo, estava atrapalhado. Quando se viu em pé, fora do andor e em pé, diz assim:

- Puxa, que aqui nesta terra nem o Diabo pode ser santo!

Pronto. Mas para aquela vez valeu.

Mestre Silva, Manhouce, S. Pedro do Sul, 2007